

“Venda” da Amazônia vira paranóia na internet

Mapa tirado de site ainda afirma que americanos pretendem tomar área à força

LARRY ROHTER
The New York Times

RIO – Deixe a razão de lado por um momento e imagine isto: estudantes americanos aprendem que a Amazônia devia ser tirada do Brasil e transformada em uma “reserva internacional” sob a administração da ONU. Forças especiais do Exército americano estão sendo treinadas na Flórida para assumir o controle daquela região uma vez lá estabelecidas. E, para acelerar o processo, a Harvard University defende seu imediato desmembramento do Brasil.

Tudo isso, é claro, é pura imaginação. A imaginação brasileira. Desde o nascimento, os brasileiros aprendem que “a Amazônia é nossa”. Mas os governos nunca conseguiram exercer soberania efetiva sobre a região, a qual, de qualquer forma, continua sendo um mistério exótico para grande parte dos brasileiros. O resultado é uma paranóia nacional: a convicção de que forasteiros – especialmente os Estados Unidos, com seu passado acidentado na América Latina – invejam a posse sobre a maior floresta tropical do planeta e a querem para si mesmos.

Desde o ano passado, as desconfianças aumentaram ainda mais por causa de um mapa espúrio que apareceu em sites da internet e foi rapidamente acei-

to como verdadeiro. Extraído do que se disse ser um livro-texto escolar para alunos do primeiro grau adotado nos Estados Unidos, o mapa afirma que os americanos têm a “missão especial” tomar à força a Amazônia dos oito países sul-americanos “sem inteligência e primitivos” que a controlam.

Embora o texto seja claramente uma falsificação (pois está crivado de erros gramaticais e ortográficos que o falante nativo do inglês não cometeria), a controvérsia continua. Alguns brasileiros dizem que a CIA forjou o mapa para desacreditar aqueles que defenderiam a Amazônia da intromissão de estrangeiros. Outros não se preocupam com a autenticidade do mapa.

“O mapa pode ser uma fraude, mas que os Estados Unidos cobijam a Amazônia e querem acabar com a soberania do Brasil sobre ela é indiscutível”, disse Rubim Aquino, um professor de História. Ele disse que enfatiza essa mensagem para seus alunos “sempre que surge uma oportunidade”.

A área definida pelo governo brasileiro como Amazônia Legal ocupa 60% do território. Mas a região é habitada por menos de 10% da população brasileira, 175 milhões de habitantes. E a maioria dessa população vive no sul, ou ao longo do litoral, e nunca visitou a região.

“O sulista não conhece a Amazônia e desdenha a região e seu povo”, disse o paraense Lúcio Flávio Flávio Aquino, editor da Amazon Agenda, um importante informativo sobre a re-

gião. “Há uma tendência a transferir a responsabilidade dos problemas para os estrangeiros, de forma a aplacar uma consciência culpada e afastar a culpa do Estado brasileiro que há muito trata a área como uma enteada.

A dura realidade, porém, é que poucos projetos de estrangeiros na região, desde a plantação de seringueiras da Fordlandia, da Ford Co., à fazenda pecuarista da Volkswagen, todos fracassaram porque os custos operacionais da Amazônia são

altíssimos e a infra-estrutura é muito fraca.

Um dos grandes vilões da história brasileira é Henry Wickham, um naturalista britânico que é acusado de ter roubado sementes de seringueira há um século e as levar para a Malásia. Isso levou ao colapso do surto da borracha que tinha financiado a construção do Teatro de Manaus e permitiu que alguns magnatas brasileiros enviassem sua roupa suja para ser lavada na Europa – além de escravizar os seringueiros.

Investigação: ex-militares e professores divulgaram o boato

O boato surgiu em junho de 2000, quando uma investigação informal conduzida pelo governo brasileiro chegou à origem da operação, comandada por ex-oficiais das Forças Armadas brasileiras ligados à direita nacionalista. Mais tarde, em dezembro do mesmo ano, a história foi ressuscitada.

Dessa vez, os e-mails tinham sido divulgados por professores universitários da esquerda brasileira. Eles teriam utilizado um livro, *An Introduction to Geography*, de David Norman. A mensagem trazia uma página da suposta obra mostrando um mapa da Amazônia. O e-mail foi enviado sob o título É o fim da picada!, por um professor da Unesp, em Marília.

Em uma consulta ao catá-

lo eletrônico da Biblioteca do Congresso, ficou comprovado que tal obra não existia. O governo brasileiro tomou conhecimento, mas evitou um pronunciamento oficial que só valorizaria a fraude intelectual.

Em junho de 2000, o então embaixador americano no Brasil, Anthony Harrington, disse ao Estado que os rumores de uma internacionalização da Amazônia eram “um mito grotesco, que tem atrapalhado o relacionamento do Brasil com os Estados Unidos durante anos”.

O embaixador brasileiro nos Estados Unidos, Rubens Antônio Barbosa, disse, na época, que isso era produto de pessoas desinformadas.

O que os brasileiros ainda não conseguem admitir é que Wickham obteve autorização legal para exportar as sementes. Como reconhece Roberto Santos, no livro História Econômica da Amazônia, as empresas britânicas e americanas buscaram transferir a produção da borracha para outro lugar porque o sistema brasileiro de produção era ineficiente e tinha despertado a ira de entidades contra a escravidão.

Hoje, o foco das suspeitas brasileiras foi transferido da borracha para a biotecnologia. Para citar um exemplo, o país está cheio de boatos de que o Instituto Nacional do Câncer de Washington enviou clandestinamente garimpeiros para roubar plantas medicinais.

Mitos fabricados, como esses, ajudam a explicar a difusão do mapa. Aparentemente ele se saiu de um site operado por um grupo da direita nacionalista. A esquerda do Brasil, porém, já mostrou uma queda pela fantasia amazônica.

Atualmente, a teoria favorita tem a ver com o Plano Colômbia, a iniciativa americana para ampliar a luta da Colômbia contra os narcotraficantes e contra as guerrilhas marxistas. Grupos esquerdistas daqui dizem que o objetivo real da operação é dar aos EUA uma base segura que permita ao país capturar a Amazônia brasileira e então dominar

o flanco esquerdo da Venezuela, do presidente Hugo Chávez.

Há também o Sivam, sistema de radares de US\$ 1,5 bilhão que está sendo instalado por uma empresa americana. Embora o projeto vá aumentar a vigilância sobre a região, permitindo o rastreamento e interceptação de aviões traficando drogas, armas e ouro, muitos por aqui têm certeza de que o verdadeiro propósito é dar aos EUA a oportunidade de reunir informações por satélite sobre petróleo e recursos minerais que o país quer explorar.

APESAR DE
DESMENTIDO,
HISTÓRIA
CONTINUA

Algumas dessas acusações são espalhadas porque o Brasil está, às vezes com campanhas para as eleições presidenciais, nas quais a defesa da Amazônia sempre agrada às multitudes.

Infelizmente para os americanos, provavelmente há pouco que possa ser feito para convencer os brasileiros de que essas considerações simplesmente não são verdade. Conforme disse Pinto, a Amazônia tem o nome que tem por causa de um delírio: os primeiros europeus a visitá-la imaginaram ter visto mulheres guerreiras, como aquelas da mitologia grega, metade mulher e metade cavalo, ao longo das margens do rio. “A Amazônia sempre foi solo fértil para fábulas, o que dá a ela um lugar proeminente no inconsciente coletivo deste país”, diz ele. “As pessoas criam fantasmas, e é melhor não rejeitá-los.”